



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
ALUNA: MARIA RAIMUNDA CAVALCANTE

**A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR:
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO COM A LÍNGUA MATERNA**

CAJAZEIRAS/PB

2016

MARIA RAIMUNDA CAVALCANTE

**A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR:
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO COM A LÍNGUA MATERNA**

Monografia apresentada ao III Curso de Especialização em Língua Portuguesa, como exigência parcial para conclusão de curso e obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira.

CAJAZEIRAS – PB

2016

Título do Trabalho: **A diversidade linguística no contexto escolar: uma proposta para o ensino com a língua materna**

Aluna: **Maria Raimunda Cavalcante**

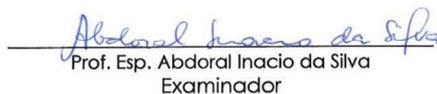
Monografia aprovada em 28 / 04 / 16 como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Especialização em Língua Portuguesa, da UFCG – Centro de Formação de Professores - Unidade Acadêmica de Letras, com o conceito Aprovada pela seguinte Banca:



Profa. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira
Orientadora



Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva
Examinador



Prof. Esp. Abdoral Inacio da Silva
Examinador

Cajazeiras - PB
2016

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde, força e determinação para superar os desafios que me foram impostos durante o percurso desse trabalho. À UFCG, Universidade pela qual sinto muito orgulho, pois nela alcancei meu nível superior. A todo corpo docente que, com extrema capacidade, me fez enxergar que somos capazes de vencer nossas limitações. À minha orientadora, Profa. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira, pelo aparato, correções, puxões de orelha e incentivos, que em meio tantos compromissos disponibilizou parte de seu tempo para me orientar. À minha família que sempre me apoiou e esteve comigo em todos os momentos desta caminhada. Aos meus colegas de curso e a todos aqueles que direto ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho. Muito obrigada a todos.

RESUMO

A língua portuguesa assim como todas as outras, manifesta-se de diferentes formas de usos, refletidas na construção individual de cada falante. Caracteriza-se, desta forma, como heterogênea, sendo assim não tem como tratar a língua como única forma de uso a qual é conceituada tradicionalmente como língua padrão. A linguagem é uma das características que nos difere uns dos outros, portanto, são nessas particularidades linguísticas que está atrelado o fenômeno da variação e o preconceito linguístico, sendo este, um dos grandes geradores de conflitos no meio social. Este trabalho tem como objetivo principal discutir a importância da variação linguística no contexto escolar, mostrando assim, a heterogeneidade da língua e os fatores que influenciam na diversidade linguística, como os fatores culturais, regionais, históricos, econômicos, entre outros. Para este trabalho nos baseamos em teóricos como Bagno (1999, 2007), Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2008), bem como as contribuições dos PCNs. Partindo de tais teóricos e do objetivo apresentado, propomos trabalhos com recontextualização e transcrição voltados para o ensino com a variação linguística para que, desta forma, os alunos possam reconhecer a diversidade linguística e terem domínio tanto no uso escrito como oral da língua, e, ainda, para que compreendam esse fenômeno linguístico e os fatores que geram a diversidade linguística, evitando assim o preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variação linguística; Ensino; Preconceito linguístico.

ABSTRACT

The Portuguese language as well as all others, presents itself in different forms of uses, reflected in the individual development of each speaker. Thus, it is characterized as heterogeneous, so there is no way to treat a language as the only way of use which is traditionally known as the standard language. Language is one of the characteristics that sets us apart from each other, so it is those linguistic features that are linked to the variation phenomenon and linguistic discrimination, which is one of the great generators of conflicts in the social environment. This work aims to discuss the importance of linguistic variation in the school context, showing then the diversity of language and the factors that influence the linguistic diversity, such as cultural, regional, historical, economic, among others. For this work we relied on theoretical as Bagno (1999, 2007), Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2008), as well as the contributions of PCNs (in English: National Curricular Parameters). Starting from such theoretical bases and the presented objective, we propose working with re-textualization and transcription oriented for teaching with the linguistic variation so that, in this way, students can recognize linguistic diversity and have dominion both use written and oral language, and, yet, to understand this linguistic phenomenon and the factors that generate linguistic diversity, avoiding linguistic discrimination then.

Keywords: Linguistic variation; Teaching; Linguistic prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I APORTE TEÓRICO.....	11
1.1 A Importância da Sociolinguística para o estudo sobre variação Linguística e suas implicações para o ensino.....	11
1.2 A diversidade linguística e os fatores que contribuem para as variações linguísticas...16	
1.3 Escrita, oralidade e diversidade linguística.....	20
CAPÍTULO II ANALISANDO OS DOCUMENTOS OFICIAIS E O LIVRO DIDÁTICO.....	23
2.1 Reflexões dos PCN em torno da importância da diversidade linguística na escola	23
2.2 O que revelam os livros didáticos analisados.....	28
CAPÍTULO III REFLEXÃO AO PROFESSOR DE LÍNGUA MATERNA.....	45
3.1 A importância do trabalho com a retextualização para se valorizar a diversidade linguística do aluno	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51

INTRODUÇÃO

Levando em consideração o estudo da Sociolinguística, que trata da relação entre a língua e a sociedade, o presente trabalho consiste em apresentar algumas propostas de se trabalhar com o ensino de variação linguística em sala de aula, em especial com turmas do Ensino Fundamental, buscando nesta etapa do ensino, mostrar aos alunos que a língua portuguesa não é apenas aquela tratada nas gramáticas tradicionais, ou seja, aquela que é tratada como uma única forma de uso, o uso padrão, a língua a qual é considerada de prestígio, a “correta”, desconsiderando muitas vezes, as bases de conhecimentos e os comportamentos linguísticos que os alunos já trazem consigo e a forma pela qual estes se comunicam em diferentes contextos sociais.

Neste sentido, buscamos, através das reflexões levantadas nesta investigação, conscientizar o aluno para os diversos tipos de conhecimento dos usos da língua, os tratados nas gramáticas e também os coloquiais, ou seja, a língua a qual falamos de forma espontânea, para que desta forma o aprendiz saiba reconhecer os diferentes usos da língua e respeitar essas diferenças, evitando assim, o surgimento do preconceito linguístico.

É importante considerarmos a realidade social a qual estão inseridos os alunos, para assim trabalharmos de forma condizente com essa realidade e propor um ensino produtivo no qual se valoriza as variações linguísticas em sala de aula do Ensino Fundamental, com o intuito de preparar os alunos a um uso consciente da língua, levando em consideração os diferentes aspectos que envolvem a fala. O desejo de se trabalhar com as variações linguísticas surgiu com a necessidade de se trabalhar com a língua da forma como ela realmente se apresenta, heterogeneamente falando, ou seja, desconstruir o mito de que a língua é homogênea, a qual muitas vezes é assim transmitida no ensino de língua portuguesa, usada como uma forma canônica, muitas vezes desconsiderando as diversidades linguísticas e causando certo desprestígio com o uso da língua nos diferentes contextos dialetais, numa verdadeira “disputa” hierárquica.

Assim, à luz da perspectiva da Sociolinguística, que estuda tanto a estrutura linguística como a estrutura social, um trabalho produtivo com a língua, deve utilizar estratégias que ajudem a compreender e respeitar a forma como cada indivíduo se expressa, bem como compreender intrinsecamente a relação desta com a sociedade, a ponto de reconhecer que a linguagem é em primeiro lugar um processo de interação

entre os indivíduos, que a linguagem é um fenômeno pragmaticamente social e que é por meio desta, que o ser humano ontologicamente constitui-se como tal, é através dela que se constroem as relações sociais, sendo estas um grande meio de transformação do sujeito. Portanto, percebe-se assim a importância dos estudos sobre a diversidade linguística no contexto escolar, sendo este o espaço onde se constroem boa parte das relações sociais que se expandirá além do contexto escolar.

Com o intuito, portanto, de contribuir com debates em favor do desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, entendemos que possibilitar um conhecimento mais aprofundado sobre as variações linguísticas e dos fatores que envolvem os diferentes tipos de linguagem, é um importante passo para a cidadania do aprendiz.

Tal proposta se justifica pelo fato de ser a diversidade linguística um dos temas mais complexos tanto no espaço escolar como no contexto social, o qual é visto de maneira errônea pela sociedade quanto a sua forma de uso na língua. Algumas linguísticas como Marcos Bagno, Stella Bortoni-Ricardo, entre outros, com seus trabalhos e pesquisas sobre a variação linguística, têm contribuído para o desenvolvimento deste estudo no âmbito escolar. Portanto, o trabalho com a diversidade linguística no contexto escolar se deu principalmente partir das sugestões apresentadas pelos PCN, sobre como lidar com a variação linguística, desde então, podemos perceber um avanço significativo no ensino de Língua portuguesa em relação a este tema, o qual também vem promovendo uma reflexão a cerca dos métodos de ensino. Métodos como os tradicionais que, apesar de todos os avanços dos estudos linguísticos, ainda é utilizado por muitas escolas, voltado apenas para a gramática em si, considerando como única forma de uso da língua, a norma padrão, excluindo assim o uso coloquial da língua. O discurso que se tem defendido é que o ensino de língua deve ter como objetivo principal desenvolver a capacidade comunicativa do aluno de utilizar a linguagem em diferentes situações comunicativas, mas será essa prática utilizada pelas escolas? Sabemos que o discurso existe, mas, na prática, a conversa é outra. Apesar das várias mudanças recorrentes no ensino de língua portuguesa, muito ainda se tem para fazer.

Ensinar língua portuguesa não é só ensinar um conjunto de normas e regras, a língua vai muito além de regras e normas, é acima de tudo um meio de comunicação entre os indivíduos, diferentes falantes, falando diferentes tipos de linguagem, e é isso que justifica nosso trabalho, o reconhecimento de que existem variações linguísticas e de que a língua é constituída por pessoas de diferentes classes sociais, regionais,

culturais, faixa etárias, entre outros fatores. Portanto, não tem como se considerar que a língua falada por diferentes povos seja construída da mesma forma. Desta forma, dizer que alguém não tem domínio da língua culta e que não sabe falar a língua materna é manter-se na ignorância dos conhecimentos linguísticos, dos fatores que influenciam para a diversidade linguística. Não podemos esquecer que a língua portuguesa é formada por diversas misturas de diferentes povos, os portugueses, índios, afrodescendentes, entres outros povos que aqui habitaram, ou seja, é uma língua formada por um processo de miscigenação. Não queremos dizer que é errado à escola querer aplicar o ensino com a língua culta, pelo contrário, a escola tem o dever de ensinar o uso da língua padrão, mas também tem o dever de reconhecer e trabalhar com as diversidades linguísticas.

Assim, o ensino de língua portuguesa tornar-se-á reflexivo, considerando a existência das variedades linguísticas e os preconceitos que podem emergir de tais variações. Buscamos assim mostrar ao aluno que a língua portuguesa não é apenas aquela tratada nas gramáticas, mas também aquela trazida por eles. Contudo, a conscientização dos alunos de fato os faria enxergar da importância da língua para o nosso meio sócio interacional e do respeito que devemos ter a essas diferenças linguísticas e ao seu falante. É através da linguagem que se constroem as relações sociais e é através dela que o sujeito ocupa seu lugar na sociedade, podendo ser bem relacionado ou não, dependendo sempre do tratamento que damos à língua e a seus usuários.

A partir dos objetivos sugeridos e da necessidade de se buscar inovações para o ensino de Língua Portuguesa, partimos da análise de materiais de apoio didático do professor, a saber, o livro didático do 6º ao 9º ano e também os documentos oficiais da educação, os PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, para aferir se, de fato, o trabalho com a diversidade linguística tem sido objeto de debate nas aulas de língua portuguesa. Quanto aos livros didáticos, analisamos duas coleções, a saber: *Projeto Apoema*, dos autores Lúcia Teixeira, Karla Faria, Silvia Maria de Sousa, adotado em escolas particulares; e a coleção *Português e linguagens*, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, adotado em escolas da rede pública de ensino. A análise qualitativa dos materiais acima mencionados nos permitiu fazer importantes interpretações e possibilitou a sugestão de importantes ações para o trabalho com as variedades linguísticas em sala de aula.

CAPÍTULO I

1. APORTE TEÓRICO DA INVESTIGAÇÃO

1.1 A Importância da Sociolinguística para o estudo sobre variação Linguística e suas implicações para o ensino

O estudo sobre variação linguística tem crescido consideravelmente nos últimos anos, justificado pelas grandes transformações recorrentes no uso das línguas, e pelas mudanças ocorridas em seu processo de formação, sendo a Sociolinguística responsável por debates que envolvem tal fenômeno. Segundo Bagno (2007, p.48):

A sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado, sobretudo por William Labov (nascido em 1927), que se tornou o nome mais conhecido da área.

A sociolinguística remete, pois, ao estudo das relações entre a linguagem e a sociedade, investigando como acontecem as constantes alterações que a língua sofre no decorrer dos tempos. A sociolinguística assim abrange estudos que focalizam os aspectos heterogêneos da língua, apresentado suas múltiplas possibilidades de uso. As transformações ocorridas no perfil socioeconômico e cultural da população que frequenta as escolas públicas hoje no Brasil, em relação ao perfil das pessoas que frequentavam há mais de 50 anos atrás, explicam a razão da necessidade de se buscar uma ciência para estudar a relação entre língua e sociedade e a diversidade linguística neste novo contexto social. Segundo Bagno (op.cit):

Até meados da década de 1960, as escolas brasileiras eram em número reduzido e se concentravam nas zonas urbanas, sendo muito raras as escolas não só nas zonas rurais, mas até mesmo em cidades de menor porte. Nessas escolas da zona urbana, ensinavam e aprendiam pessoas das classes médias e médias altas das cidades, ou seja, uma parcela bastante restrita da população (p. 30).

Sabemos que hoje a educação é um direito assistido a todos, conforme consta na lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Título II, quando versa sobre os Princípios e Fins da Educação Nacional:

Art. 2º A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Desta forma passa o ensino ser o direito para todos sem nenhum tipo de exclusão social, ou de qualquer outro gênero, porém as escolas públicas passam por enormes dificuldades, principalmente nos grandes centros urbanos, ou até mesmo em cidades pequenas, com salas superlotadas, frequentadas em sua maioria, por pessoas de classe média baixa, advindas de famílias desestruturadas e, muitas vezes, com pais semianalfabetos, ou mesmo analfabetos, acarretando assim uma sobrecarga às escolas e ao professorado que faz o papel de psicólogo e pai. Tal contexto implica ainda a grande dificuldade em se trabalhar sistematicamente a variedade linguística que emerge dos sujeitos que frequentam a escola, sendo este um grande desafio para o professor de língua materna.

O papel da Sociolinguística, portanto, é mostrar o status heterogêneo da língua, o estudo das variações e as mudanças ocorridas na língua ao longo do tempo, do ponto de vista diacrônico, levando em consideração os contextos sociais em que vive determinada comunidade falante. Podemos também relacionar o problema da escrita e oralidade ao fenômeno da variação linguística, problema este que causa algumas confusões quanto à pronúncia e à escrita, é importante saber que a língua que falamos não é a mesma que escrevemos, sendo tarefa da escola, conscientizar os alunos das diferenças entre som e escrita. Segundo Simões (2009, p.47):

É óbvio o compromisso da escola com o domínio em seu registro-padrão, o qual é manifestado, na escrita, pelo o estilo formal. Contudo, o período de letramento coincide com o choque entre a variante popular (do aluno) e a variante padrão (do professor), especialmente nas metrópoles. Assim para o aluno, aprender a forma escrita no modelo da fala do professor é quase como aprender a escrever em uma Língua estrangeira. Então nascem as controvérsias.

Outra razão determinante para o entendimento do uso da língua e suas variantes é compreender as formas de conceber a linguagem, cabendo ao professor essa tarefa. Segundo Travaglia (2009, p.21), normalmente tem se levantado três possibilidades distintas de se conceber a linguagem: linguagem como expressão do pensamento; linguagem como instrumento de comunicação; linguagem como forma ou processo de interação.

A primeira vê a linguagem como expressão do pensamento; para essa concepção as pessoas não se expressão bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. Podemos perceber que, para essa concepção, as formas de se conceber a linguagem estão voltadas para o conhecimento adquirido pelo sujeito, sendo sistematizados e organizados pelos pensamentos para então serem construídos ao se expressarem. Portanto, para esta concepção, o sujeito só se expressa bem se tiver certo domínio da norma culta, ou seja, o indivíduo só se expressa bem se for guiados por tais conhecimentos da língua. Para essa concepção a linguagem é a tradução do pensamento.

Na segunda concepção, segundo Travaglia (op.cit), a linguagem, vista como instrumento de comunicação, é um meio objetivo de comunicação. Nessa concepção a língua é vista como código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor (p. 22). Portanto, nesta concepção a língua passa a ser usada como um código utilizado para estabelecer o ato comunicativo entre os indivíduos que, de acordo com o contexto social interagem de forma espontânea, facilitando assim, a mensagem transmitida no ato comunicacional.

Quanto à terceira concepção, Travaglia (op.cit) afirma que a linguagem, vista como forma ou processo de interação implica numa concepção na o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor) (p. 23). Para a terceira concepção percebe-se a linguagem não apenas como um sistema de comunicação, mas também como um processo interativo, da qual podemos manifestar nossos sentimentos, ações, dentre outros e atuarmos em diferentes situações comunicativas, em diferentes contextos sociais.

Neste sentido, entendemos que a linguagem atua sobre o sujeito de diversas formas e dizer que o ensino de língua se limita ao ensino das regras gramaticais é praticamente um crime ao falante desta língua. Existe uma regra de ouro da Linguística, segundo Bagno (1999, p.19) que diz: “que só existe língua se houver seres humanos que a falem”. Neste sentido o estudo e a valorização da diversidade linguística no contexto escolar são imprescindíveis, tendo em vista que a variação linguística se dá sobre diversos fatores e que o bom uso da língua é aquele acessível ao seu falante. Na visão Antunes (2007; p. 204):

Existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua diferente. A variação, assim, aparece como uma coisa inevitável normal. Ou seja, existem variações linguísticas não por que as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas, existem porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas, e como tais, são condicionadas por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogêneas, múltiplas, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua.

Sobre esse aspecto, para os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN) do Ensino Fundamental (1998; p. 29):

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades.

Portanto quando se trata de variações linguísticas os fatores que contribuem para esse fenômeno, tanto pode ser linguísticos, como extralinguístico, os linguísticos são aqueles que nos deparamos no dia a dia, os fatores extralinguísticos são os fatores; econômico, social, cultural, histórico, geográfico, entre outros, os quais acabam gerando o preconceito linguístico e de certa forma a exclusão social. Segundo Bagno (1999, p.94), são três os elementos que contribuem para tal preconceito, a saber, gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos, Assim “a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores fechando o círculo recorrem à gramática tradicional como fontes de concepções e teorias sobre a Língua”.

Sobre tais aspectos, entendemos que a língua portuguesa vai muito além das normas gramaticais, é uma língua heterogênea. Neste sentido, “erros” de português considerados na prática escolar como erros gramaticais, são apenas diferenças linguísticas. Portanto é outro papel ao qual cabe à escola, tratar dessa heterogeneidade da língua e dessas diferenças linguísticas. Sobre essa questão, Bortoni-Ricardo, (2004, p.38) aponta que:

Uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre as culturas que elas representam e a da escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças.

Sabendo que a escola é uma das instituições as quais tem uma grande importância na formação de um indivíduo, é importante que ela respeite a linguagem individual do aluno e o oriente quanto à diversidade linguística e no seu tratamento com as diferenças entre ambos. Segundo os PCN (1998; p. 48),

A escola deve assumir o compromisso de procurar garantir que a sala de aula seja um espaço onde cada sujeito tenha o direito à palavra reconhecida como legítima, e essa palavra encontre ressonância no discurso do outro... Um espaço em que o diferente não seja nem melhor nem pior, mas apenas diferente, e que, por isso mesmo, precise ser considerado pelas possibilidades de reinterpretação do real que apresenta; um espaço em que seja possível compreender a diferença como constitutiva dos sujeitos.

Desta forma, a escola é de fundamental importância no crescimento intelectual, profissional e social do ser humano e, assim, é crucial estimular e valorizar a cultura e o conhecimento individual que cada aluno possui, para que desta forma eles possam perceber a língua como um meio de interação, respeitando as diferenças individuais uns dos outros. Sendo assim, o trabalho com as variações linguísticas em sala de aula ajudará não só o aluno a compreendê-las, mas ajudará o indivíduo a compreender a linguagem em si como um fenômeno social em constante transformação, e, portanto, compreenderá a linguagem como um processo de interação entre os indivíduos e o papel do sujeito como um ser atuante no meio social, responsável por seus atos e por sua contribuição na formação e desenvolvimento do indivíduo.

1.2 A diversidade linguística e os fatores que contribuem para as variações linguísticas

De acordo com os estudos da sociolinguística, na comunidade falante existem duas formas sistemáticas de variantes linguísticas que demonstram a realidade heterogênea da língua, que são os *fatores linguísticos* e os *fatores extralingüísticos*. Segundo Bagno (op.cit), “os fatores linguísticos estão relacionados à variação fonético-fonológico; variação morfológica; variação sintática; variação semântica, variação lexical e variação estilístico-pragmático” (p.39), os fatores linguísticos são, portanto, “fatores internos, ou estruturais, relacionados ao uso da língua, referentes aos conhecimentos linguísticos e gramaticais” (p.40).

Quanto aos fatores linguísticos, por exemplo, temos os casos de variação no campo fonético-fonológico. Ela se refere aos aspectos referentes à pronúncia, ao som, ou seja, as várias formas de pronunciar uma mesma letra. De acordo com a posição da letra, o *s* pode ter som de *z*, dentre vários outros exemplos que configuram a variação. Abaixo, apresentamos o exemplo de Bagno (2007) para melhor ilustrar tais fenômenos:

Raspa e rasga, na primeira palavra aparece um som de [s], enquanto na segunda aparece um som de [z], embora as duas se escrevam com a mesma letra *s*. Por quê? Muito simples: O *s* de Raspa vem antes de um /p/, que é uma consoante surda, isto é produzida sem a participação das cordas vocais. Já no caso de Rasga, o *s* está diante de uma consoante sonora, o /g/ (produzida com a participação das cordas vocais), e por isso ele se realiza como um [z], que também é uma consoante sonora.

Portanto, o *s* também pode apresentar um chiado, que acontece em certas regiões do Brasil, sendo assim um fator não apenas linguístico, mas também um fator extralingüístico que contribui para o processo de variação linguística. Segundo Bagno (2007, p. 41).

No português brasileiro, diversas áreas geográficas apresentam o “S chiado”, como no Rio de Janeiro, o Pará, o Nordeste em geral, zonas do Mato Grosso, algumas comunidade da ilha de Santa Catarina (onde fica Florianópolis), entre outras.

Outros exemplos da heterogeneidade da língua estão presentes nos aspectos morfossintáticos da língua, como é o caso da variação de concordância nominal presente em “*aquelas casinha amarelas*”, conforme Bagno (op.cit,p.42). Temos também variação no campo semântico, que implica nos vários significados que uma mesma palavra pode ter, como a palavra *manga*, que pode se referir à manga de uma blusa, à fruta e, até mesmo, em algumas regiões como o Nordeste, a um *verbo*, *mangar*, significando rir de algo ou alguém. Temos também a variação no campo lexical, que são palavras que tem o mesmo significado, mas diferentes formas de pronuncia, como por exemplo a palavra; *falar*, *conversar*, *tagarelar*, etc.

Quanto aos fatores extralinguísticos, ou seja, elementos externos à língua, podemos dizer que estão relacionados a fatores culturais, regionais, históricos, econômicos, sociais, entre outros, que contribuem fortemente para que a língua passe por processo de mudança e de variação.

Para entendermos, no entanto, como tais fatores são determinantes para o fato de a língua mudar com o tempo, é importante remontarmos ao aspecto histórico de qualquer língua, procurando entender como ele contribui para tal fenômeno social.

Toda e qualquer língua sofre mudanças ao longo do tempo, podendo ser explicado assim, pelos estudos diacrônicos da linguística, que é justamente a descrição dos fatos históricos da língua e seu processo de evolução. Desta forma, podemos compreender melhor o processo de transformação pelo qual passou a língua portuguesa até chegar aos dias atuais. Segundo Coutinho (2011, p. 46):

A língua portuguesa proveio do Latim vulgar que os romanos introduziram na Lusitânia, região situada ao ocidente da Península Ibérica. As circunstâncias históricas, em que se criou e desenvolveu o nosso idioma, estão intimamente ligadas a fatos que pertencem á história geral da Península.

Podemos considerar, assim, que um dos fatores que contribui para a variação linguística é o fator histórico, já que a língua sofre transformações ao longo dos tempos. Podemos também relacionar ao fator histórico à origem aliado ao processo de miscigenação pela qual nossa língua se formou. Podemos dizer que nossa língua é uma mistura de várias outras que aqui se cruzaram, a partir da chegada dos portugueses às nossas terras e de outros povos que, misturando-se com os indígenas que aqui habitavam, contribuíram para uma extensa formação linguística e um vasto vocabulário.

Em meio a tal debate, é consenso que a linguagem é uma das características que nos difere uns dos outros, portanto, é necessário compreendermos como se dá essas diferenças para assim aceitá-las sem nenhum tipo de preconceito. Outro fator determinante quanto à variedade linguística, que, muitas vezes ocasiona em preconceitos linguísticos, é o status socioeconômico do indivíduo. A má distribuição de renda gera desigualdades sociais que afetam diretamente as condições de vida do indivíduo, bem como seu comportamento linguístico, o que acaba sendo determinante para o surgimento do preconceito linguístico também.

Outro fator com grande influência na diversidade linguística corresponde aos fatores regionais, sendo este um dos fatores que mais tem contribuído para o surgimento do preconceito linguístico no meio social, veiculado principalmente pelos meios de comunicação, como é o caso dos programas humorísticos de televisão e das telenovelas que exageram em suas interpretações, direcionadas principalmente aos nordestinos. Os fatores regionais estão ligados a um grupo de pessoas que vivem no campo, ou, em determinadas cidades interioranas, apresentando diferentes sotaques de uma região para outra. Porém, podemos também associar aos fatores regionais, e que acaba muitas vezes diferenciando os grupos sociais, o pouco grau de escolaridade, que também influencia no comportamento linguístico do sujeito. Podemos perceber no exemplo citado por Bortoni-Ricardo (2004, p. 45), que exemplifica, a partir de um trecho das histórias de Mauricio de Sousa, com a personagem Chico Bento, marcas do regionalismo que, muitas vezes, é algo de preconceito por parte de alguns falantes.

CB: - Vixi! Como você cresceu! Inté parece que foi ontem qui prantei esse limoero! Agora, já tá cheio de gaio! Quase da minha artura! Como o tempo passa, né? Uns tempo atrais, ocê era deste tamanhico! Fiz um buraquinho i ponhei ocê inda mudinha dentro! Protegi dos vento, do sor, das gearda...i nunca deixei fartá água!

Neste pequeno trecho podemos perceber as marcas do regionalismo, ou seja, o sotaque caipira, representados tanto na escrita, como na fala do moço do interior, misturando-se com o pouco grau de instrução, o que sinaliza um sujeito sem muito conhecimento da linguagem culta e que fica à margem da sociedade devido ao desconhecimento da norma padrão da língua.

Outro fator que contribui para a variação linguística está relacionado com as diferenças sociolinguísticas entre gerações, ou grupos de idade diferentes, como pais, filhos, avós e netos. Podemos citar como exemplo uma passagem da obra de Bertoni-

Ricardo (2014, p.47), em que é citado um diálogo de um senhor de idade com uma moça jovem, no qual ele pergunta “*Moça, qual é sua graça?*”. No contexto, ela ficou sem entender e sem saber o que responder. Só mais tarde percebeu que a pergunta era: “Qual é o seu nome?”.

A esse grupo de variação associamos às gírias, muito usadas pelos mais jovens, como por exemplo, *bagulho*, quer dizer alguma coisa como folha, carro; *dar um rolê*, significando passear, sair; *mina*, referindo-se à mulher, etc. A linguagem dos internautas é outra forma de variação linguística, mas está mais voltada especificamente para linguagem escrita, tornando o registro da fala escrita mais informal e muitas vezes usada de forma inadequada em ocasiões que exigem maior formalidade. Portanto são muitos os fatores que contribuem para o fenômeno da variação linguística, os quais precisam ser compreendidos, afim de que se possa evitar o preconceito linguístico.

Os meios de comunicação como já citemos é um dos grandes divulgadores do preconceito linguístico, principalmente a televisão, que através de suas telenovelas, apresentam personagens muitas vezes totalmente fora do contexto real, ou seja, se excedendo em suas interpretações e geralmente apresentando a região Nordeste como foco de suas tramas. Desta forma percebe-se o preconceito direcionado não só com a língua, mas também a um povo e sua região, conseqüentemente este povo retratados nas novelas, acaba sendo ridicularizado através de piadinhas com o homem do campo, e com os demais que vivem em culturas diferentes, além do mais, isso ocorre pelo sentimento e comportamento de superioridade dos grupos vistos como mais privilegiados, economicamente e socialmente. Portanto, os meios de comunicação, como a televisão, por serem meios de muita audiência em que quase todos têm acesso, deveriam usar da influência que possuem para abordar e divulgar tal tema de forma mais educativa, mostrando a importância da variação linguística e da importância da cultura de cada região, da riqueza da nossa língua e o respeito que devemos ter com as diferenças sociais. A língua portuguesa como já dissemos é uma língua heterogênea, com mistura de muitas outras, desta forma, é impossível que falemos do mesmo jeito. Assim, o preconceito linguístico acontece de diferentes formas, ocasionado por diferentes fatores. Segundo Bagno (1999, p. 94):

Um dos maiores fatores que contribuem para o preconceito linguístico se resume a três elementos; a gramática tradicional, ao ensino tradicional e ao livro didático, “assim se forma o círculo; a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o

surgimento da indústria do livro didático, cujos autores fechando o círculo recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua”.

Conforme já sinalizamos, do ponto de vista linguístico, sendo o ensino de gramática um ensino tradicional, o qual traz o conceito de certo e errado, sem considerar a variação recorrente na língua, passa então a ser o ensino muito restritivo e pobre, implicando na valorização de apenas uma forma de expressão da língua, a formal. Segundo Antunes (2007, p. 30), a gramática particularizada:

[...] não abarca toda a realidade da língua, pois contempla apenas aqueles usos considerados aceitáveis na ótica da língua prestigiada socialmente. Enquadra-se, portanto, no domínio do normativo no qual define o certo, o como deve ser da língua e, por oposição, aponta o errado, o como não deve ser dito.

Assim, o ensino de gramática por ser um dos elementos o qual contribui para o preconceito linguístico, levando-nos a pensar que ela deve ser trabalhada de forma contextualizada, ou seja, de modo que o indivíduo reconheça o funcionamento da língua, reconhecendo no ensino de gramática não só como um conjunto de regras, mas o reconhecimento que por trás de um amontoado de palavras existe uma língua viva e dinâmica, sujeita a modificações no decorrer dos tempos. Contudo, o que esperamos é que o ensino de língua possa ir além de regras normativas, é mostrar principalmente que a língua por ser heterogênea, que esta apresenta propriedades diversas, peculiares e específicas de cada falante.

1.3 Escrita, oralidade e diversidade linguística

Levando-se em consideração, as explanações acima pontuadas, sabe-se que a escola hoje tem um papel fundamental de atuação nessa formação do indivíduo, não só no lado profissional como também o pessoal, enfim, tal instituição tem um compromisso com a formação integral, ético-moral do cidadão, ou seja, tem como um dos principais objetivos propiciar e fomentar o crescimento intelectual do aluno, para que dessa forma, este responda aos desafios interpostos pelo cerne da sociedade. Entre as práticas pedagógicas, o papel primordial da escola em sua conjectura é promover o ensino pragmático de habilidades como a oralidade e a escrita, isto é, deve-se preocupar,

sobretudo, com o desenvolvimento formativo da competência comunicativa dos falantes, usuários da língua e que não seja o “cavalo de batalha” do ensino da língua materna o clamoroso e lastimável patrulhamento gramatical, que desconsidera a gramática interna e as razões linguísticas subjacentes dos falantes, como também sua maneira de falar e de escrever. A instituição escolar, nesse ínterim, deve preponderantemente, ajudar o estudante a aprender a se comportar linguisticamente em diversas situações de interação social.

Com base nessa perspectiva de ensino da língua materna, como podemos vislumbrar um ensino de línguas que desconsidera o sujeito, o uso da língua e, por conseguinte, suas variações linguísticas?

Vale salientar, que sem sujeito não há língua. Assim é de suma relevância que se considere as especificidades socioculturais dos aprendizes, concebendo estes, como seres históricos, sociais, políticos e ideológicos, e é por meio da variedade, da heterogeneidade linguística, que o sujeito emancipa-se ontologicamente. Partindo desse pressuposto, a língua precisa ser concebida como um conjunto de regras gramaticais e lexicais à disposição dos falantes-ouvintes e dos escritores-leitores, proficientes para o uso da linguagem em seus múltiplos contextos e intencionalidades comunicativas, possibilitando assim, a interação social em encontros culturalmente marcados, na práxis comunicativa.

É fundamental que o ensino de base normativa seja ancorado pragmaticamente e substituído por um ensino de base discursiva, cujo foco seja a reflexão sobre o uso da língua; conceber a oralidade como prática social na modalidade falada da língua, significa para o ensino, usar os gêneros textuais orais, selecionados a partir das reflexões do corpo docente, contemplando, de fato, uma proposta de prática social e discursiva. Em se tratando de propostas pedagógicas, o ensino sistematizado da oralidade envolve a interação com textos por meio de escuta, produção oral e análise linguística (ou reflexão linguística). Com base nelas, são construídos conhecimentos e conceitos sobre a linguagem, sobre os papéis sociais envolvidos na interação, sobre as relações entre fala e escrita, bem como a inserção do aluno em atividades de oralidade letrada, sob essa égide, não se deve dissociar o letramento oral, do letramento da escrita.

A oralidade é inerente ao ser humano e é um fenômeno anterior à escrita. Assim é compatível à escola ensinar ao aluno a utilizar a linguagem oral de forma adequada e, sobretudo, ampliar as potencialidades comunicativas e discursivas destes. A escrita assim como a oralidade é também um meio de utilização da linguagem, a qual

requer um conhecimento mais específico e formal da língua. Segundo Marcuschi, (2010; p. 25):

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.

Desta maneira, a linguagem oral manifesta-se sob diferentes formas nos mais diferentes contextos, sendo esta utilizada de maneira espontânea, informal ou não, sujeita a influência das variações linguísticas. Sobre a escrita, Marcuschi (p, 26) afirma que:

Seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). [...] Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala.

Deste modo, ambas as linguagens apresentam características diferentes, devem ser vistas de forma dicotômica, um fenômeno que está atrelado ao outro e não dissociado do outro. Vale ressaltar, que a língua oral e a língua escrita possuem gramáticas diferentes, mas ambas sofrem modificações oriundas e advindas da cultura e do meio social. Desta forma, não se pode determinar que uma seja melhor hierarquicamente que a outra, já que ambas têm a mesma função na sociedade, ou seja, exercer a função comunicativo-discursiva. Porém, a escrita muitas vezes é confundida com a oralidade, o qual requer do professor uma atenção maior com essa modalidade. Neste sentido, uma importante dica metodológica para se trabalhar com tais modalidades em sala de aula é o processo de retextualização, sobre o qual discorreremos a seguir.

CAPÍTULO II

2. ANALISANDO OS DOCUMENTOS OFICIAIS E O LIVRO DIDÁTICO

O ensino de Língua Portuguesa durante muito tempo era norteado por princípios tradicionalistas, regidos puramente por regras gramaticais onde este era privilégio para poucos, apenas pessoas de classe social média ou alta tinham acesso ao ensino. Hoje a realidade educacional avançou muito em relação ao acesso à educação bem como aos métodos de ensino, porém muito ainda se precisa fazer para que a educação seja tratada como prioridade não só pelas ações governamentais como por toda a sociedade. Um dos principais problemas relacionado ao ensino como já foi mencionado em todo decorrer desse trabalho, é o conceito que se tem do ensino de língua voltado para os métodos tradicionalistas, apesar dos grandes avanços linguísticos e das teorias da variação linguísticas ainda existem escolas utilizando tais métodos. A mudança ocorrida nos métodos de ensino de Língua Portuguesa se deu principalmente com a visão de linguagem pautada na variação linguística defendida pelos PCN, (Parâmetros Curriculares Nacionais) passando assim essa visão a se refletir em muitos dos livros didáticos adotados tanto no ensino de rede pública como no ensino de rede privada, os quais veremos a seguir nas análises feitas dos livros didáticos de tais escolas.

2.1. Reflexões dos PCNS em torno da importância da diversidade linguística na escola

Diversos linguistas como Dino Preti, Marcos Bagno, entre outros, vêm ressaltando a importância da variação linguística para o ensino de língua portuguesa, comprovando o mito da homogeneidade da língua a qual era tratada por muitos teóricos da vertente estruturalista, representado aqui no Brasil por Joaquim Mattoso Câmara Jr. Segundo Mussalim e Bentes (2005, p.53), “o estruturalismo teve sobre os estudos da linguagem, no Brasil, um impacto enorme, típico de uma escola dominante. Seu advento se deu no Brasil durante os anos de 1960 e coincidiu com o reconhecimento da linguística como disciplina autônoma; assim muitos professores e pesquisadores que, naquela altura, já tinham uma larga experiência de investigação, foram atraídos pela nova orientação e a utilizarem para sistematizar suas doutrinas (o caso célebre é o de Mattoso Câmara Jr.)”. É fácil perceber a diversidade linguística no contexto social, que

por sinal é todo heterogêneo. Segundo Bagno (2007, p. 36), “a língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita”. Desta forma, podemos perceber através dos interesses e intencionalidades comunicativas e da peculiaridade expressiva e linguística de cada usuário a diversidade linguística existente no meio social. Partindo desse ponto de vista, os PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2008, p.29) corroboram com esse mesmo pensamento sobre o processo de variação linguística, fenômeno social intrinsecamente ligado à linguagem, afirmando que:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades.

Desta forma, não tem como tratar a língua como homogênea, ou tratá-la como um único modelo normativo, cristalizado, ou seja, o paradigma considerado pelos gramáticos tradicionalistas, no qual a língua é tratada como norma padrão, única forma correta, tão somente para dar cientificidade à linguística. Sob esse ângulo, resta-nos refletir sobre essa concepção arcaica o que é saber português.

Em contrapartida, podemos evidenciar que saber português significa não apenas ter o domínio inconsciente das estruturas gramaticais, das regras que regem essas estruturas e do léxico, mas também ter o domínio de normas socioculturais de comportamento que nos possibilitam interagir uns com os outros. Saber português não é a mesma coisa que dominar a nomenclatura gramatical registrada e apregoada pelas gramáticas normativas, nem tampouco saber explicar as construções gramaticais.

Em suma, saber português é desenvolver a competência sociolinguística, discursivo-comunicativa da linguagem, de concebê-la como uma atividade social, saber, sobretudo, comportar-se linguisticamente nos contextos comunicativos. Do ponto de vista da vertente interacionista, todas as variedades são perfeitas e completas em si, principalmente quando estas constituem comunicação e interação entre os sujeitos. O que as tornam diferentes são os valores sociais que seus membros possuem na sociedade. Sobre esse ponto de vista os PCNS (2008, p. 33), enfatizam que:

Contudo, não se pode mais insistir na idéia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão de língua ou que corresponda à variedade linguística de prestígio. Há, isso sim, muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática.

Portanto, o que pretendemos aqui, não é lançar uma crítica aos métodos tradicionalistas, mas sim, elucidar que não só a nossa língua materna, mas todas as outras línguas vivas evoluem de um estágio para outro, sofrem mudanças históricas, sociais, regionais, econômicas, entre outras, desse modo, não dá para ignorar os diferentes contextos sociais em que estão inseridos os falantes desta língua, bem como, as particularidades que cada falante possui em relação a seus dialetos e idioletos. Segundo Bagno (2007, p.48),

Dialeto é um termo usado há muitos séculos, desde a Grécia antiga, para designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, da província etc. Idioleto designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc.

Como qualquer outra língua, a Língua Portuguesa não é falada da mesma forma por todas as pessoas que a utilizam. Além disso, as línguas evoluem com o tempo, transforma-se e adquirem peculiaridades próprias em razão de seu uso em determinadas comunidades específicas. Entretanto, as variações não provêm apenas da evolução histórica das línguas e de suas raízes geograficamente delimitadas e nem tão pouco para designar grupos étnicos.

O que se pretende com o estudo das variedades linguísticas, é justamente propor aos alunos o conhecimento de tais variedades, tanto as variedades de prestígio como as estigmatizadas, sendo assim, o ensino de língua materna se fundamenta não apenas pelos conhecimentos linguísticos e gramaticais, mas se fundamenta também, no poder que a língua tem sobre o sujeito, pois é pela linguagem que o sujeito se insere em seu meio social, utilizando-a em todas as situações comunicacionais, daí a importância do domínio tanto da linguagem oral como escrita, tendo em vista, a escola assumir um

papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Os PCNS (2008, p. 33), apontam que:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa – dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

Sendo assim, faz-se necessário o ensino que enriqueça e contribua para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e interativo do educando, bem como, o que amplie a gama de seu léxico, sem impor a qualquer custo o uso da norma padrão, que muitas vezes imposto desta forma acaba dificultando a aprendizagem do aluno. Cabendo assim, a escola e aos educadores falantes da norma culta se familiarizar com essa realidade linguística das variantes, que é hoje tão importante, não só no contexto escolar, mas para a sociedade em geral. Nessa conjuntura, a escola em se tratando do processo de ensino-aprendizado deve levar em consideração não apenas o ensino da norma padrão, mas conscientizar o aluno para todas as variedades linguísticas. Pensando sobre o ensino de Língua portuguesa, no domínio da escrita e da oralidade, no terceiro e no quarto ciclos os PCNS (2008, p. 51) sugerem que:

A escola deverá organizar um conjunto de atividades que possibilitem ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a

produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical.

Partindo de tal pensamento, é importante que as escolas no ensino de Língua Portuguesa priorizem trabalhos com textos que apresentem a diversidade linguística, textos orais e escritos, sem deixar de trabalhar a norma culta, mas trabalhar textos que caracterizem as diferentes expressões linguísticas, favorecendo assim, o uso reflexivo e crítico da linguagem. Em relação aos trabalhos com textos orais e escritos os PCNS (2008, p. 57), orientam que se trabalhe com gêneros diversos os quais se destacam:

Para linguagem oral, textos literários como; canção, textos dramáticos, de imprensa; notícia, entrevista, debate, depoimento, etc. Com trabalhos de divulgação científica, tipo; exposição, seminário, debate, entre outros. Já nos trabalhos com textos escritos os PCNS sugerem trabalhos literários com; crônica, conto, poema, etc. De imprensa; notícia, artigo, carta do leitor, entrevista, etc. Texto de divulgação científica; relatório de experiências, esquema e resumo de artigos ou verbetes de enciclopédia.

Sabemos que o domínio de um gênero possibilita ao indivíduo interagir em diferentes situações de comunicação, não é necessário, somente conhecer superficialmente a estrutura dos gêneros, mas proficientemente saber seus locais de circulação, contextos de uso e adequar a linguagem à intencionalidade comunicativa proposta pelo mesmo, por isso, é tão importante trabalhar com os diferentes tipos de gêneros textuais na sala de aula. Os gêneros são fenômenos históricos os quais estão ligados à vida cultural e social do sujeito aprendiz, ajudam nas necessidades interacionais e nas atividades comunicativas do cotidiano, permitindo ao indivíduo adaptar-se melhor ao surgimento dos novos meios de comunicação que aparecem na sociedade.

Considerando-se os gêneros textuais formas verbais orais e escritas que resultam de enunciados produzidos em sociedade e, no âmbito do ensino e aprendizagem de português, são vias de acesso ao letramento, propõe-se que no ensino, as atenções estejam voltadas para os textos que encontramos em nossa vida diária com padrões

sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilos. Assim, a concepção de gênero diz respeito à forma, ao conteúdo, aos propósitos comunicativos e ao percurso social. O gênero textual reflete todo o processo social envolvido na comunicação que encerra.

2.2 O que revelam os livros didáticos analisados

Há alguns anos, no Brasil o estudo sobre variação linguística vem ganhando espaço nas universidades, hoje esses estudos vem também sendo abordado didaticamente e ocupando um grande espaço nas escolas, tanto públicas como nas particulares. Considerando isto, nesta seção serão apresentadas as análises dos livros didáticos selecionados sobre a abordagem e o enfoque dado as variações linguísticas. Analisamos alguns livros de Português, a saber, livros utilizados em escolas particulares e públicas.

O primeiro livro do 9º é intitulado “Projeto Apoema”, das autoras Lúcia Teixeira, Karla Faria, Silvia Maria de Sousa, utilizado no ensino particular, da Escola São Vicente, do município de Lavras da Mangabeira- Ceará. A análise parte de um dos capítulos do livro intitulado “A língua em uso”, contém uma explicação sobre variação linguística bastante significativa, o qual cita os aspectos que causam tais variações. Assim, as autoras Texeira, Faria e Sousa (2013, p, 94) salientam que;

“Existem na língua portuguesa variações regionais, sociais, e situacionais. Variações regionais são de ordem geográfica, ocorrem de região para região. Há no Brasil uma variante, baiana, uma paulista, uma carioca, etc. As variações sociais são mais marcadas, quanto maior for a estratificação social e a diferença na facilidade de acesso à escola”.

Na obra, as autoras apresentam exemplos das variações sociais, no exemplo apresentam uma amostra de um trecho de uma entrevista concedida por um presidiário de 21 anos, analfabeto. Para a orientação na leitura da entrevista, sigamos essa matriz de codificação: (E é o entrevistador e A o entrevistado)

E: então...quais...que tipo de profissões têm as pessoas que compram a droga?

A: ah :: muitas dela é pessoas de bem ...é... eles vem da crasse média e da crasse alta...é relativo...mais a maioria deles tudo de crasse alta né?

[...]

A: as vez também num tem aquela mentalidade que as vez no caso EU TENho então se eu deixar por conta deles às vez também acontece muitos pobrema.

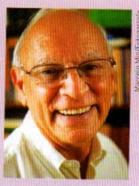
Marli Quadros Leite. Disponível em www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp_18/07.pdf
Acesso em: ago. 2013.

Seguindo as informações explícitas no livro didático e as pontuações asseveradas pelas autoras, “A troca do /l/ em meio de sílaba pelo /r/ e a ausência de concordância de número (“muitas dela é”; “acontece muitos pobrema”) (p.95), são algumas das marcas da variante popular. Desta forma, percebe-se que as autoras valorizam o estudo com as variações linguísticas no contexto escolar. Para complementar os estudos com as variações linguísticas, estas ainda apresentam uma entrevista com o prof. Ataliba Castilho sobre variantes linguísticas, importante estudioso gramático e funcionalista, conforme vemos na imagem a seguir:

COM A PALAVRA, O ESPECIALISTA

Quem
 ● Ataliba Teixeira de Castilho

O que faz
 Linguista, foi professor da Universidade de Campinas (Unicamp) e da Universidade de São Paulo (USP), entre outras instituições. Autor de vários livros cujos temas giram em torno dos assuntos da Língua Portuguesa e da Linguística, o professor Ataliba de Castilho é considerado um dos maiores especialistas da área. No trecho da entrevista a seguir, o professor esclarece algumas noções de mudança de língua e preconceito linguístico.



Entrevista com prof. Ataliba Castilho sobre variantes linguísticas
 [...]

1. Qual é o conceito de língua viva?
Prof. Ataliba: Língua praticada por uma comunidade. Há mais de 6.000 línguas vivas no mundo, atualmente. Prevê-se que metade delas desaparecerão nos próximos 50 anos. Uma língua desaparece quando deixa de ter falantes nativos. É sempre bom lembrar que o Brasil é um país plurilíngue, pois além do português abriga 160 línguas indígenas, além de várias línguas de imigrantes.

2. Porque a língua muda com o passar o tempo?
Prof. Ataliba: Por duas razões, pelo menos: (1) Para proceder a ajustes em sua estrutura interna; esses ajustes promovem novos desajustes, e portanto não é possível falar numa "língua perfeita", ou num "momento de ouro de uma língua", a que se seguiria sua decadência. As línguas naturais são constitutivamente instáveis, como instáveis são as relações sociais. (2) Porque a comunidade que a fala passa por alterações, devidas a mudanças em sua estrutura (por exemplo, não se sabe qual será o impacto da nova classe média sobre o português brasileiro), devido às migrações internas e externas (por exemplo, não se sabe qual será o impacto sobre o português brasileiro da chegada de contingentes sociais que falam outras línguas, o mesmo quanto à expansão da fronteira agrícola, que tem levado sulistas para o Norte e o Nordeste do país, promovendo contactos interdialetais), etc.

3. Considerando as variantes linguísticas, porque há tanto preconceito, sendo que os modos de fala são diferentes em relação a lugares, classes, idade, entre outros?
Prof. Ataliba: Qualquer preconceito tem mais de uma fonte. O preconceito linguístico deriva da intolerância com o diferente, e também do fato de que as escolas focalizam exclusivamente o português culto, sem incluir em suas práticas a observação sistemática de outras variedades linguísticas brasileiras. Iniciativas nesta direção têm sido mal entendidas, mal interpretadas, e os professores que as tentaram foram considerados traidores do ideal da pureza linguística, confundida com o padrão culto. Nem professores nem linguistas negaram jamais que o dever da escola é passar o padrão culto. Isto sempre esteve fora de questão. O que, sim, tem sido proposto, é que escola integre em suas práticas a discussão da realidade multidialetal da sociedade brasileira, para evitar que não falantes do português padrão se sintam repelidos pela escola.

Isto comprometeria os objetivos de refletir sobre o português nas aulas dessa disciplina. [...]

Rafael Kopko. Disponível em: <<http://comunicacao.fflch.usp.br/node/646>>. Acesso em: jul. 2013.

99

Fonte: TEXEIRA, Lucia. Projeto Apoema Português 9./Lucia Teixeira, Karla Faria, Silvia Maria de Sousa.- 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013, p.99.

O segundo livro analisado é da mesma coleção, Projeto Apoema (2013, p. 229), das mesmas autoras acima mencionadas, sendo este do 8º ano, o qual traz um capítulo abordando sobre o preconceito linguístico, expondo uma tirinha com o personagem Chico Bento, de criação de Mauricio de Sousa, com atividades referentes ao uso linguísticos que a personagem utiliza em sua fala. O livro traz também uma questão da atividade com um trecho da obra de Bagno, O preconceito linguístico, (2007, p8):

A língua em uso

Preconceito linguístico

Leia a tira de Chico Bento a seguir para iniciarmos os estudos a respeito do preconceito linguístico.

no Bimestre (Mês de Outubro)

Atividades Professor, as questões a seguir podem ser respondidas no livro.

1) Após a leitura da tira do famoso personagem Chico Bento, responda às questões.

a) O personagem retrata um menino do meio rural, que usa uma variante própria da região, em situação informal de comunicação. Destaque exemplos:

I. do uso oral informal da língua, como:

- troca do fonema /e/ por /i/ em sílabas átonas, "Má" (por mãe), "senhora" (por senhal), "por" (por que), "de" (por de), "hoje" (por hoje)
- troca de sílabas iniciais átonas, "Fessora" (por professora) e "aínda" (por aí)
- troca de fonemas finais, "Castigá" (por castigar)

II. do uso de variante regional, como:

- troca do fonema /l/ por /r/ em final de sílaba, "Alguma" (por alguma)
- troca de posição de fonema numa sílaba, "Priva" (por porque), "Professor, comenta, aínda, a troca do /e/ por /i/ em sílaba átona"

2) Leia as placas:

229

a) Em placas e cartazes de rua, é comum observar o uso da língua escrita fora do padrão culto. Destaque as palavras escritas dessa maneira, nas duas placas, e reescreva-as de acordo com o padrão culto da língua escrita.

Placa: perduar por perdur, facio por fácil, dificio por difícil, 2ª placa: concertos por consertos

b) Nos exemplos das questões anteriores, que língua pode ser identificada?

A língua portuguesa

c) Normas urbanas de prestígio são as variantes empregadas por falantes escolarizados em situações que exigem cuidado com a língua. São usadas em jornais, livros escolares, aulas, conferências, cultos religiosos, entrevistas de emprego etc.

Por que nem todos os falantes têm acesso às normas urbanas de prestígio?

Porque nem sempre podem ir à escola, porque não vivem em situações que exigem cuidado com a língua portuguesa, porque não têm acesso à leitura de jornais, livros e demais publicações em que as normas urbanas de prestígio são empregadas etc.

3) Leia a seguinte passagem de um livro intitulado *Preconceito linguístico*.

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. [...] Uma receita de bolo não é um bolo, um molde de vestido não é um vestido, o mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.

A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial [...] e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua.

Marcos Bagno. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 8.

a) Uma receita de bolo apresenta a lista de ingredientes e ensina o modo de preparo. Veja:

Receita de bolo comum

Esta receita leva 1 h 00 min para ficar pronta e rende 20 porções no total.

Ingredientes

1 xícara de leite	3 xícaras de açúcar
1 colher de sopa de fermento em pó	3 ovos
3 xícaras de farinha de trigo	4 colheres de margarina

Como preparar

- Bater o açúcar, a margarina e os ovos
- Depois acrescentar a farinha de trigo, o leite e por último o fermento
- Unte a forma com farinha
- Asse por mais ou menos 40 minutos

Disponível em: <www.receitadebolo.co/bolo-comum-1>. Acesso em: jun, 2013.

230

Fonte: TEXEIRA, Lucia. Projeto Apoema Português 8./Lucia Teixeira, Karla Faria, Silvia Maria de Sousa.- 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013, p.229-230.

O terceiro livro analisado do 7º ano, também da coleção Projeto Apoema, das autoras em tela, (2013, p. 154 a 159), também trazem um capítulo com o tema denominado variação linguística, apresentando as diferentes formas de uso de uma palavra com o mesmo significado, citando como exemplo a palavra macaxeira que é assim falada no Nordeste, já na região Sudeste é chamada de aipim, ou mandioca.

Atividades

1 Leia a letra de uma canção cantada por Pena Branca e Xavantino, que incorpora regionalismos e elementos da fala popular.

Cuitelinho

Cheguei na beira do porto
Onde as onda se espaia
As garça dá meia-vorta
E senta na beira da praia
E o **cuitelinho** não gosta
Que o botão de rosa caia, ai, ai

A tua saudade corta
Como aço de navaia
O coração fica afrito
Bate uma, a outra faia
Os óio se enche d'água
Que até a vista se atrapaia, ai, ai.

Ai, quando eu vim da minha terra
Despedi da parentaia
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras paraguaia
Lá tinha revolução
Enfrentei forte bataia, ai, ai

Palavra-chave
Cuitelinho: pequeno couteio, beija-flor.

Transcrito da audição disponível em:
<<http://letras.mus.br/pena-branca-e-xavantino/48101/>>. Acesso em: ago. 2013.

a) No segundo verso, há uma forma verbal cuja grafia reproduz a pronúncia da palavra em algumas regiões do interior do Brasil. Destaque-a e escreva ao lado a variante consagrada pelas normas urbanas de prestígio. Espaia - espalha.

b) Transcreva da canção outras palavras em que ocorre o mesmo caso da variação **i/ih**. Escreva a forma urbana de prestígio ao lado da variante regional.
Parentaia - parentalha; bataia - batalha; navaia - navalha; faia - falha; óio - olho; atrapaia - atrapalha.

c) Em algumas regiões do Brasil é comum o uso de "sordado" no lugar de **soldado**. "carma" em vez de **calma**. Identifique, no texto, as palavras que apresentam o mesmo fenômeno de troca do **l** pelo **r**. Escreva também a forma consagrada pelas normas urbanas de prestígio.
Meia-vorta; "afrito". Meia-vorta; afrito. Professor, veja explicação no Guia Didático sobre o fenômeno do rotacismo, aqui exemplificado.

2 Observe:

I. "As onda se espaia".
II. "As garça dá meia-vorta".

a) Reescreva as orações, de acordo com as normas urbanas de prestígio.
I. As ondas se espalham. II. As garças dão meia-volta.

b) Explique a concordância realizada na variante popular.
Na variante popular, apenas o artigo vai para o plural. O nome e o verbo ficam no singular.

c) Destaque um exemplo de sintagma nominal em que só o núcleo vai para o plural. Reescreva o sintagma, com a concordância recomendada pela norma.
"Terras paraguaia". Terras paraguaias.

155

Fonte: TEXEIRA, Lucia. Projeto Apoema Português 8./Lucia Teixeira, Karla Faria, Silvia Maria de Sousa.- 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013, p.155.

As autoras supracitadas abordam, ainda, temas como: variação de registro formal e informal, na linguagem escrita e oral, normas urbanas de prestígio, que são aquelas de usos mais cuidadosos e formais, adequadas a situações de maior controle sobre a língua oral e escrita (2013, p.156). É o que podemos observar na imagem seguinte:

Uso da língua na internet

Enviar e-mails, escrever blogs, participar de redes sociais são ações cada vez mais comuns. O uso da língua em interações via internet costuma ser informal e apresenta características próprias. É comum o uso de abreviaturas, como **vc** (você), **q** (que), **add** (adicionar), e de grafias particulares, que economizam sinais como til e acento – **naum** (não) ou **eh** (é). Nas redes sociais, como Twitter e Facebook, o usuário escreve mensagens curtas e não se preocupa muito em obedecer às regras de acentuação e pontuação. *Professor, veja observações no Guia Didático.*

Há, portanto, um uso linguístico próprio da internet: condensado, informal e abreviado, muito diferente do que é usado em textos escritos formais.

Atividades

1 Leia a tirinha a seguir. *Professor, as questões a seguir devem ser respondidas no caderno.*

LULUZINHA TEEN

a) Quem dialoga na tirinha? *A tirinha mostra o diálogo entre duas amigas.*

b) Em que situação as personagens se encontram?
As personagens estão sentadas no sofá, bem à vontade, assistindo a um filme.

c) No primeiro quadro, uma das personagens usa um termo típico da fala dos jovens. Destaque-o. O termo é "pá".

d) A postura corporal das personagens e o ambiente retratado nos desenhos revelam uma situação formal ou informal? Por quê?
As jovens estão descontraídas e sentadas à vontade no sofá, o ambiente é uma sala num telejornal, tudo isso retrata uma situação de informalidade.

e) O registro de linguagem empregado está adequado ao tipo de situação de comunicação construída na tira? Justifique. *Sim, pois o registro é informal, adequado a uma conversa entre amigas.*

Saiba mais

Gírias

Gírias são expressões da linguagem informal, empregadas por determinados grupos sociais, numa dada época. Muitas vezes funcionam como verdadeiros códigos desses grupos.

A tira começa num tom sério, de manifestação, luta por direitos, como convém a um discurso. No último quadrinho, entretanto, um dos bichinhos passa a usar um registro informal, representado pelas gírias "galera" e "dar uma força". A mudança do registro formal para o informal é que causa o humor da tira, porque revela o desespero do personagem para chamar a atenção do público ao qual se dirige.

157

Fonte: TEXEIRA, Lucia. Projeto Apoema Português 8./Lucia Teixeira, Karla Faria, Silvia Maria de Sousa.- 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013, p.157.

Por fim, o último livro analisado, o do 6º ano, da escola particular, também da mesma coleção e autoria. Ele não trata tão detalhadamente o estudo das variações linguísticas, mas enfoca o uso das variações da língua, através das diferenças no uso da escrita e da pronúncia entre Portugal e Brasil, que não deixa de ser uma variação geográfica, (2013, p. 139). Tratam ainda, do uso formal e informal da língua, em seguida trazem uma atividade sobre o tema.

Professor, as questões a seguir devem ser respondidas no livro.

1 O escritor é conhecido mundialmente pelo sobrenome, Saramago. Na autobiografia, ele conta um fato curioso sobre o termo **saramago**.

a) Qual é esse fato? Na verdade, seu nome de família é Sousa, mas os membros da família eram conhecidos como Saramago pelos habitantes da aldeia onde viviam.

b) O que significa a palavra **saramago**? Era uma forma de chamar os membros da família em locais de comércio.

c) José de Sousa teria sido também o meu nome se o funcionário do Registro Civil, por sua própria iniciativa, não lhe tivesse acrescentado a **alcurna** por que a família de meu pai era conhecida na aldeia: Saramago. A palavra destacada pode ser substituída por:

I. nomeação.
II. apelido.
III. sobrenome.
IV. profissão.

Por que o nome **Saramago** foi atribuído à família do escritor?
Provavelmente porque a família dele vivia em uma pequena povoação.

2 Ao relatar sua vida escolar, o escritor afirma que foi bom aluno.

a) Como ele comprova essa afirmativa? Ele conta que estudava em uma escola de dois classes e que tinha notas excelentes.

b) Por que seus pais o retiraram do Liceu? Por causa de uma doença.

c) Para que tipo de escola os pais o encaminharam? Para uma escola de ensino profissional da agricultura.

d) Como o escritor manteve contato com os livros e a Literatura? Na escola, os livros de português possibilitaram seu contato com os textos literários. Depois de formado, ele trabalhava em uma biblioteca pública de Lisboa.

3 Ao mesmo tempo que narra os fatos, o escritor faz comentários e emite opiniões.

a) O texto é narrado em 1ª ou 3ª pessoa? Justifique sua resposta. É narrado em primeira pessoa, com o uso de pronomes pessoais "eu", "meu", "me".

b) Dê exemplos de situações comentadas pelo narrador.
A expressão sobre a entrada de Saramago no liceu, a informação de que só compra livros que faziam parte de uma coleção.

A língua em uso

Ortografia

Variação na escrita e na pronúncia em Portugal e no Brasil

Professor, as questões a seguir podem ser respondidas no livro.

1 No texto de Saramago, observam-se certos usos da língua escrita próprios de Portugal. Algumas palavras que, no Brasil, são pronunciadas com acento fechado na sílaba tônica, são faladas em Portugal com acento aberto. Isso se reflete, na escrita, por uma diferença nos acentos gráficos.

a) Identifique, nos exemplos, as palavras com acento agudo que, no Brasil, escrevem-se com "acento circunflexo".

I. Nasci numa pequena povoação a uns cem quilómetros a nordeste de Lisboa.
II. Fui eleito tesoureiro da associação académica.

*Quilómetros, académica.

139

b) Reescreva essas palavras tal como as escrevemos no Brasil.

Quilómetros, académica.

2 Transcreva da frase seguinte a palavra escrita de modo diferente da maneira mais comummente a escrevemos no Brasil.

"O funcionário do Registro Civil, por sua própria iniciativa, acrescentou a alcurna Saramago."

Registro em Portugal: **registro** no Brasil.

3 Outra distinção diz respeito à presença de certas letras que identificam uma diferença de pronúncia. Leia o exemplo:

"Tinha começado a frequentar, nos períodos nocturnos de funcionamento, uma biblioteca pública de Lisboa."

Identifique a palavra que tem uma letra não usada na escrita brasileira.

Nocturnos. No Brasil escreve-se **noturnos**.

CONEXÕES

O olho de vidro do meu avô é a autobiografia de José Saramago são textos de memórias produzidos por narradores já experientes, que relembram fatos do passado, principalmente da infância. Mas quem disse que criança não tem memórias? Na série francesa de livros *O Pequeno Nicolau*, de René Goscinny e Jean-Jacques Sempé, ao contar suas aventuras, Nicolau revela o modo de ver o mundo pelo olhar inocente das crianças. No primeiro livro, ao saber que vai ganhar um irmãozinho, Nicolau se apavora e deixa vir à tona o medo e a angústia de quem deixará de ser filho único. Esse livro foi adaptado para o cinema, com grande sucesso. Leia o livro e veja o filme!

Produção textual

Escrever as memórias é uma maneira de revivê-las, recuperando os sentimentos experimentados no passado. Escreva um texto autobiográfico sobre um período de sua vida.

a) Escolha um acontecimento do passado. Anote o que aconteceu, quando, onde e quem estava envolvido. Faça anotações sobre seus sentimentos na época e sobre o modo como você pensa em tudo isso hoje, enquanto escreve.

140

Fonte: TEXEIRA, Lucia. Projeto Apoema Português 6./Lucia Teixeira, Karla Faria, Silvia Maria de Sousa.- 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013, p.139-140.

Assim, a partir da análise acima, podemos perceber que o livro didático adotado na escola particular apresenta um tratamento bem definido sobre as variações linguísticas, considerando as diferenças linguísticas, bem como o preconceito linguístico, ou seja, podemos perceber o quanto vem crescendo os estudos sobre variações linguísticas no contexto escolar, assunto mais abordado nos meios acadêmicos, e que aos poucos vem ganhando espaço nas aulas de língua materna, tendo em vista hoje a escola perceber que não se pode estudar a uma língua qualquer sem considerá-la algo vivo, dinâmico.

O livro adotado na rede pública do município de Lavras da Mangabeira também aborda sobre as variações linguísticas, em particular o do 6º ano, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2012, p. 36 a 45), o qual traz em um capítulo intitulado: "A língua em foco", sobre variedades linguísticas. Os autores pontuam que

“variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada” (p. 37). O livro aborda temas como a norma padrão e variedades de prestígio, variação linguística e preconceito social. A obra aborda sobre os tipos de variação linguística, citando diferença de lugar ou região, escolaridade e classe social, diferenças históricas, abordando também temas como oralidade e escrita, formalidade e informalidade, graus de monitoramento, gírias atuais e antigas. Por fim, os autores fecham o capítulo com uma canção de Adoniran Barbosa, “Saudosa maloca”.

EXERCÍCIOS

O compositor Adoniran Barbosa retratou em suas canções alguns tipos populares que habitavam bairros italianos de São Paulo no século XX. Observe um trecho de uma de suas canções mais famosas (se possível, ouça-a no site <http://letras.terra.com.br/demonios-da-garoa/45444/>):

Saudosa maloca

Si o senhor não tá lembrado
 Dá licença de conta
 Que aqui onde agora está
 Esse edifício arto
 Era uma casa veia
 Um palacete assobradado
 Foi aqui, seu moço
 Que eu, Mato Grosso e o Joca
 Construímos nossa maloca
 Mais um dia
 nós nem pode se alembra
 Veio os homi cas ferramentas
 O dono mandô derrubá
 Peguemos tudo as nossas coisa
 E fumos pro meio da rua
 Preciá a demolição
 Que tristeza que nós sentia
 Cada tauba que cala
 Duía no coração
 Mato Grosso quis gritá
 Mas em cima eu falei:
 Os homi tá ca razão
 Nós arranja outro lugá
 Só se conformemos quando o Joca falou:
 “Deus dá o frio conforme o coberto”
 E hoje nós pega a paia nas grama do jardim
 E pra esquecê nós cantemos assim:
 Saudosa maloca, maloca querida
 Que dim donde nós passemos dias feliz de nossa vida



Adoniran Barbosa.

(“Saudosa maloca”, de João Rubinato (Adoniran Barbosa). © 1955 by Irmãos Vitale S. A. Indústria e Comércio. Todos os direitos reservados para todos os países.)

43

Fonte: CEREJA, William Roberto. Português: linguagens, 6º ano: língua portuguesa/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. -7.ed. reforma. -São Paulo: Saraiva, 2012, p.43

1. Na letra, o locutor lamenta o problema que ele e seus amigos estão enfrentando.

- Que tipo de problema enfrentam?
- Pela linguagem, qual é o provável perfil socioeconômico e cultural do locutor e de seus amigos?

2. Identifique no texto:

- duas palavras que se associam ao dialeto caipira; ato (aba), vela (velha), dente (dente), sua (qual)
- variação linguística ocasionada por baixa escolaridade; previs, tuda, do fôrrô; não empô
- exemplos da língua oral informal. oi, oi, não, mandô

3. Uma letra de música é uma obra de criação artística e nem sempre corresponde à realidade linguística. Observe estes versos da canção:

Foi aqui, seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca

O emprego da palavra **construímos** é condizente com o perfil sociocultural da personagem que canta a canção? Justifique sua resposta. Problema: mesmo quando não há um contexto de referência ao verbo, o verbo constrói é que o locutor assume "a gente constrói", ou "nos constrói".

4. Passe alguns versos da canção para a norma-padrão e compare-os à canção original. Ela ainda continuaria tendo a mesma expressividade na norma-padrão? Por quê?
Na norma padrão, o verbo constrói não tem o mesmo sentido que o verbo que canta (o ou lê) e a linguagem que ele utiliza.

Oxe! Fale sem pantim!

Conheça algumas das palavras e expressões usadas em Pernambuco e em outras cidades do Nordeste:

aperreio: preocupação, angústia	pantim: vergonha ou frescura
arenga: pequena briga	rabissaca: gesto de desdém, de dar as costas
bicado: embriagado	renca: grupo de pessoas
bufento: desbotado	virado na catita: alguém rápido
danou-se: expressão usada para indicar espanto ou anunciar que vai embora	xexero: caloteiro, que não paga as contas
fuleiro ou peba: fraco, sem valor, sem qualidade	
liso: pobre ou em dificuldades financeiras	
mangar: rir de alguém ou de algo	
môl: grande quantidade	
munganga: careta	
oxe: expressão usada para indicar espanto	



Rua do Recife, Pernambuco.

44

Fonte: CEREJA, William Roberto. Português: linguagens, 6º ano: língua portuguesa/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. -7.ed. reforma. –São Paulo: Saraiva, 2012, p.44

O livro do 7º ano, da mesma coleção e dos mesmos autores e ano supracitado, não abordam o tema variação linguística, porém apresenta uma obra voltada para a expressividade e criatividade do aluno, como, por exemplo, na elaboração de entrevista escrita e oral, chamando atenção para as diferenças entre a escrita e a oralidade, de forma que a entrevista seja transcrita da forma a qual o entrevistado falou, apresentando desta forma as marcas da oralidade como, as pausas na fala, a forma mais espontânea de se expressar, explorando assim, a capacidade de percepção do aluno para tais diferenças entre a língua escrita e falada, bem como, desenvolver a capacidade comunicativa do aluno. Assim os autores trabalham com atividades utilizando as duas formas de produção, a entrevista oral e escrita.

1. A situação retratada na foto envolve duas pessoas: um adulto e uma menina. Deduza:
 - a) Onde as pessoas estão?
 - b) O que elas estão fazendo?
 - c) Qual é a profissão do homem?
 - d) No lugar em que as pessoas estão, faz frio ou calor? Por quê?
 - e) Você acha que essa foto foi tirada há muito ou há pouco tempo? Por quê?
2. Além do homem, não há outro adulto na foto. Levante hipóteses:
 - a) Você acha que a menina foi sozinha a esse local ou acompanhada de um adulto, que não aparece na foto? Por quê?
 - b) Na sua opinião, sobre o que o policial e a menina estão conversando?
 - c) A menina está se sentindo ameaçada? Justifique sua resposta.
3. Observe a bagagem da menina.
 - a) O que ela está levando consigo?
 - b) Para que tipo de lugar você acha que ela está indo? Justifique sua resposta.
4. Note que, na estação, não há trem na plataforma nem outras pessoas. Levante hipóteses: Por que a estação está vazia?
5. Quando você era pequeno, viajou sozinho alguma vez? Se sim, conte para os colegas como foi e o que sentiu. Se não, conte se você já teve vontade de fazer uma viagem sozinho e por quê.



William Vandenberg/For PhotoDisc/Getty Images

Produção de texto

A ENTREVISTA ORAL

Você já deve ter **lido** muitas entrevistas. E também deve ter **ouvido** entrevistas e **assistido** a muitas delas. Afinal, a entrevista é um gênero oral ou escrito?

A entrevista é, por natureza, um gênero oral, pois nasce da interação verbal entre um entrevistador e um entrevistado, um na presença do outro. Quando veiculada em rádio ou televisão, costuma ser reproduzida tal como foi dada, algumas vezes integralmente, outras vezes com alguns cortes.

Quando, entretanto, é publicada em suportes impressos, geralmente sofre algumas modificações em relação ao texto original. Neste capítulo, você vai conhecer a **entrevista oral**.

13 Assista ao vídeo *Entrevista oral*, a fim de observar na entrevista concedida por Laerte – desenhista, quadrinista e cartunista, autor de vários livros e de tiras em jornais – vários dos elementos constitutivos do gênero, como o papel do entrevistador, a abordagem do tema, o uso da linguagem, etc.

Leia um trecho da entrevista de Laerte:

Entrevistador: *Pra começar nosso bate-papo, acho que vou fazer uma pergunta que todo mundo que gosta do seu trabalho quer fazer, né? Como foi que você se tornou um criador de histórias em quadrinhos? Você sempre gostou de desenhar?*

Laerte: Eu sempre gostei de desenhar, eu sempre desenei; como toda criança, eu sempre desenei. Quer dizer, todo mundo desenha. O... O... A diferença é que, para algumas pessoas, como eu, o desenho se tornou um... uma parte importante no modo de se expressar. No modo de expressar sentimentos, ideias e de... de refletir o que o mundo propõe, quer dizer, pra mim o desenho sempre foi uma linguagem a serviço de... daquilo que eu gostava. Eu gostava de um filme, gostava de um livro, gostava de uma cena ou de uma coisa que eu tinha visto na televisão ou numa rua, e o desenho era... é um meio privilegiado para eu... ahn... trabalhar esses sentimentos, essas ideias, né? E é... e é um meio privilegiado mesmo porque só depende da gente. A gente consegue fazer uma cot... uma obra bastante complexa, sozinho, sabe? É uma coisa que poucas... poucas... poucas mídias (risos) oferecem, né?

Entrevistador: *E pra criar essas personagens? Você... como você faz pra inventar uma história nova? A Suriá, por exemplo, você se inspirou em alguma menina que você conhece, alguém da sua família? Como é que você criou a Suriá?*

Laerte: Bom, a gente sempre se inspira... em... em... em detalhes da vida... Suriá, por exemplo, Suriá é o nome de uma sobrinha... mesmo, de quem eu gosto muito, mas ela não é o núcleo da personagem. Nessa mesma época, ahn... a minha filha tava com uma idade também de 6, 7 anos e... e eu também, observando ela, como ela era uma menininha que... moderna (risos), também usei pra... pra construir a personagem, mas a Suriá foi encomendada pela editora da... da Folhinha naquela época, a Mônica, e eu fiz... Fiz assim... Procurei pensar numa personagem que fosse boa pras crianças ler, lerem e... e que tivesse a ver com o que eu gosto também, né? Eu gosto de circo... gosto de... então eu pensei numa garotinha, filha de circenses e... e... e... que tem uns tios que são os palhaços, e que tem uns amigos que são os bichos, tal... e eu comecei a fazer as histórias da Suriá (risos).

Entrevistador: *Durante muito tempo a escola, ela considera as histórias em quadrinhos um gênero menor, né? Enfim, professores... achavam que as histórias em quadrinhos não formavam novos leitores. Agora, que que você acha? Isso está mudando, mas o que que você acha? Que as histórias em quadrinhos são cultura também? E cultura a história em quadrinho?*

Laerte: Acho que é cultura sim. Acho que muitas coisas... devem... Acho que quase todas as linguagens podem entrar no... no universo da preocupação da escola, quer dizer, podem ser analisadas... a música popular... as manifestações de... de... a TV... Os quadrinhos também têm uma importância grande, é um modo bom de... de desenvolver a leitura também. Ao contrário do que se





202

Fonte: CEREJA, William Roberto. Português: linguagens, 7º ano: língua portuguesa/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. -7.ed. reforma. -São Paulo: Saraiva, 2012, p.202.

Produção de texto

VAC

A ENTREVISTA ESCRITA

No capítulo anterior, você teve contato com a entrevista oral. Neste capítulo, você vai conhecer a entrevista escrita e, comparando uma e outra, vai poder observar as diferenças entre elas decorrentes da mudança de suporte.

Leia a entrevista a seguir, concedida pelo escritor e cartunista Ziraldo, autor de livros infantis, como *O Menino Maluquinho*, *Vovô Delícia*, *Flicts* e *O menino da Lua*, entre outros.

ZIRALDO: Um menino (de 71 anos) muito maluquinho!

O escritor Ziraldo é mesmo um contador de histórias — até mesmo para dar entrevistas! Nesse bate-papo exclusivo do *Estadinho* com o escritor, ele conta curiosidades de sua infância e fala sobre *Os meninos morenos* [...]. A obra narra as aventuras de um menino moreno brasileiro, que, na verdade, não são diferentes das de um menino moreno guatemalteco. Esse, aliás, é o ponto de partida para o livro, cujas histórias passeiam e se conectam por meio de poemas do guatemalteco Humberto Ak'abal, que Ziraldo conheceu no ano passado e ficou encantado por suas linhas. [...] Você vai reparar, nessa conversa, que as respostas de Ziraldo são longas... Todas têm uma "historinha" no meio. Por isso, divirta-se com vários "causos" desse menino mineiro de 71 anos, em uma só publicação!

ESTADINHO — Onde é a terra dos meninos morenos?
ZIRALDO — É toda a América Latina, onde os meninos são morenos, não são loiros, não são pretos...

ESTADINHO — O livro traz lembranças de sua infância?
ZIRALDO — São lembranças da minha infância com essa característica de ser moreno, explicando como é ser menino num continente subdesenvolvido. Fiz até um mapa que é moreno-cêntrico. No Japão, o mapa-múndi escolar tem o Japão no centro, na Austrália também. Aqui no Brasil, o mapa é eurocêntrico. [...]

ESTADINHO — No livro você diz que sempre teve curiosidade por assuntos ligados ao universo. Esse tema ainda lhe interessa?
ZIRALDO — Eu acho que a coisa que marca mais meu jeito de ser é a curiosidade. Eu era chamado: "Oh, menino danado de curioso, menino perturbador". Eu sempre quis entender as coisas. Não que eu ache que o que eu falo é o certo, mas isso passa para os livros: a interpretação de quem é curioso.

ESTADINHO — Qual o segredo para manter essa curiosidade, porque criança é curiosa por natureza...



O escritor e cartunista Ziraldo ao lado do desenho do Menino Maluquinho.

ZIRALDO — É verdade. É perigoso falar essa coisa de espírito infantil. Para muitos é a mesma coisa que chamar o cara de retardado, não é? Esse é um negócio muito gozado... Mas eu não sei por que não perdi o interesse pela vida, pelas coisas. Acho

224

Fonte: CEREJA, William Roberto. Português: linguagens, 7º ano: língua portuguesa/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. -7.ed. reforma. -São Paulo:Saraiva, 2012, 224

4. Uma entrevista sempre está relacionada ao perfil do público a que se destina. A entrevista de Ziraldo foi publicada no jornal *Estadinho*, cujo público é formado principalmente por crianças e adolescentes que se interessam por livros.
- Observe o título da entrevista e levante hipóteses: Por que o jornal teria escolhido esse título?
 - Considerando-se o público, qual o interesse do jornal em entrevistar Ziraldo?
 - Qual o interesse de Ziraldo em conceder a entrevista?
5. Observe a linguagem de Ziraldo na entrevista e compare-a com a de Laerte lida no capítulo anterior.
- Que variedade linguística predomina na entrevista em estudo?
 - A fala de Ziraldo apresenta, como a de Laerte, marcas de oralidade, como repetições, frases e palavras cortadas, pausas, desvios da norma-padrão? Justifique sua resposta.
 - É marcas de informalidade, a fala de Ziraldo apresenta? Se sim, de exemplos.
6. Reúna-se com seus colegas de grupo e, juntos, concluem: Quais são as características específicas da entrevista escrita?

EXERCÍCIO

A fim de se exercitar para a atividade principal de produção de texto deste capítulo, reúna-se com seus colegas de grupo e, juntos, transcrevam para a modalidade escrita, suprimindo as marcas de oralidade, a resposta de Laerte a seguir. Imaginem que a entrevista vá ser publicada na revista *Língua Portuguesa* e façam os cortes e as adaptações que julgarem necessários. Depois comparem a redação final dada pelo grupo ao texto a dos outros grupos e identifiquem as melhores soluções encontradas para cada situação.

Entrevistador: *É pra criar essas personagens? Você... como você faz pra inventar uma história nova? A Suriá, por exemplo, você se inspira em alguma menina que você conhece, alguém da sua família? Como é que você cria a Suriá?*

Laerte: Bom, a gente sempre se inspira... em... em... em detalhes da vida... Suriá, por exemplo, Suriá é o nome de uma sobrinha... mesmo, de quem eu gosto muito, mas ela não é o núcleo da personagem. Nessa mesma época, ah... a minha filha tava com uma idade também de 6, 7 anos e... e eu também, observando ela, como ela era uma menininha que... moderna (risos), também usei pra... pra construir a personagem, mas a Suriá foi encomendada pela editora da... da *Folhinha* naquela época, a Mônica, e eu fiz. Fiz assim... Procurei pensar numa personagem que fosse boa pras crianças ler, lerem e... e que tivesse a ver com o que eu gosto também, né? Eu gosto de circo... gosto de... então eu pensei numa garotinha, filha de circenses e... e... que tem uns tios que são os palhaços, e que tem uns amigos que são os bichos, tal... e eu comecei a fazer as histórias da Suriá (risos).



Fonte: CEREJA, William Roberto. Português: linguagens, 7º ano: língua portuguesa/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. -7.ed. reforma. -São Paulo: Saraiva, 2012, 227.

Agora é a sua vez

Junto com os colegas de grupo, adaptem para a forma escrita a entrevista que realizaram no capítulo anterior.

Passando a entrevista da forma oral para a forma escrita

- Escolham uma frase significativa do entrevistado para servir de título para a entrevista ou criem um título com base no assunto abordado.
- Escrevam uma introdução breve, fazendo uma apresentação do entrevistado e do assunto tratado.
- Coloquem o nome do grupo antes das perguntas e o nome do entrevistado antes das respostas.
- Transcrevam o diálogo, mantendo marcas de uma eventual informalidade da linguagem do entrevistado, mas evitando excesso de marcas de oralidade.
- Façam um rascunho e só passem a entrevista a limpo depois de realizar uma revisão cuidadosa.
- Se possível, digitem o texto e diagramem-no em colunas, como costumam ser apresentadas as entrevistas escritas. Insiram algumas fotos do entrevistado e deixem o texto preparado para integrar o jornal mural que o grupo irá montar no capítulo **Intervalo** desta unidade.



A língua em foco

► O ADJUNTO ADVERBIAL

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia a tira a seguir, de Nik, quadrinista argentino.



(Caturro 7.3. ed. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2007. p. 73. Tradução dos autores.)

228

Fonte: CEREJA, William Roberto. Português: linguagens, 7º ano: língua portuguesa/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. -7.ed. reforma. –São Paulo: Saraiva, 2012, 228

Os livros do 8º e do 9º ano não fazem nenhuma referência às variedades linguísticas.

Por conseguinte, percebemos, ao fazer a análise dos livros didáticos, tanto os da escola privada como a pública, que o tratamento dado à variação linguística torna o ensino mais voltado para as práticas sociais e principalmente o “abandono” dos métodos tradicionalistas, sendo assim utilizados métodos voltados para o universo social e cultural do aluno. O foco do ensino é o aluno. Neste sentido, é crucial que busquemos práticas de ensino as quais os deixe mais à vontade, mais criativos, sobretudo, mais proficientes no domínio das potencialidades e habilidades da competência comunicativo-discursiva, para que, assim, possam estabelecer uma relação de interação

entre ambas as partes, educador e educando, mutuamente atuando como atores sociais no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, ao analisarmos os PCNS (2008) e os livros didáticos percebemos o quanto é importante o trabalho com as variações linguísticas em sala de aula, tendo em vista que ambos os estudos estão direcionados para os próprios alunos, estes advindos de diferentes camadas sociais, culturais, regionais, etc. Os estudos sobre variações linguísticas vão muito além de uma sala de aula, pois em todos os âmbitos sociais existem o envolvimento de sujeitos que fazem uso da língua/linguagem e é justamente neste meio que ocorre muitas vezes o preconceito linguístico, daqueles que se subjugam em patamares mais elevados, de que por possuírem um status quo social melhor, viver nos grandes centros comerciais, acham-se no direito de agredir, criticar e discriminar principalmente aquelas pessoas que vêm do interior, de classe baixa, com pouca escolaridade, entre outros.

CAPÍTULO III

3 REFLEXÃO AO PROFESSOR DE LÍNGUA MATERNA

Considerando as práticas linguísticas sugeridas para o ensino de língua nos livros didáticos, pudemos observar que os mesmos apresentam alguma noção voltada para a Sociolinguística, ainda de maneira, um tanto superficial, no entanto, isso é insuficiente para compreender o processo de variação linguística. Desta forma, é preciso entender que a escola é o palco por excelência das diferenças, ela é por natureza totalmente diversificada como a língua, pois o homem vive em uma sociedade estratificada, em que as condições sociais são responsáveis pelo abismo que ocorre em torno da Língua Portuguesa.

A variação linguística é um fenômeno natural; a língua portuguesa, como todas as línguas, apresenta inúmeras variações e passa por mudanças no limiar do tempo, histórica e no espaço. Entretanto, tal fato não é compreendido pela grande maioria da população brasileira, que ainda acredita que a língua é um objeto homogêneo, uniforme. Essa ideia de uniformidade vem sendo propagada há muito tempo por professores que pautam o ensino da língua, apenas nas gramáticas normativas, ignorando a diversidade linguística no meio escolar, talvez por falta de preparo para lidar com as variações linguísticas no ambiente da sala de aula.

As novas propostas de educação em língua materna têm adotado como objeto e como objetivo justamente a questão da variação linguística. Os PCN, por exemplo, apresentam como objetivos do ensino de língua portuguesa o domínio da língua em seus diversos contextos. Todavia, não apenas na escola, mas na sociedade de forma geral, o tratamento dado a esse tema, muito tem deixado a desejar, pois lhes faltam reflexões com embasamento teórico, pautado na Sociolinguística.

E o docente em sua prática do ensino da língua portuguesa, ainda ancorado na gramática normativa, insiste em ver a língua como uma grande poça de água parada. Bagno (2009, p.20) ressalta que “enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, a margem da língua”. Portanto, pensando numa melhor forma de compreender a variação linguística no contexto escolar, propomos trabalhos com retextualização e transcrição nas

atividades escolares para conscientizar o aluno sobre o funcionamento da língua em seus mais diversos usos, sobretudo, o oral.

3.1A importância do trabalho com a retextualização e a variedade linguística

É indiscutível a relevância do domínio da linguagem oral e escrita, para a construção e participação ativa e reflexiva dos indivíduos na sociedade. Logo, é de fundamental importância que os estudantes compreendam as variantes entre língua falada e escrita, que saibam valorizar o uso de ambas, bem como compreender o valor comunicativo que cada uma desempenha. Baseando-se, na necessidade de se trabalhar com as variantes entre a língua, fala e escrita na sala de aula, é que estudiosos têm debatido sobre a validade e proficiência de se utilizar o processo de retextualização como um produtivo e eficaz recurso didático para o estímulo e proficiência da produção textual, atividade que permite que os discentes trabalhem sobre estratégias linguísticas, textuais e discursivas do texto base e as projetem em uma nova situação de interação, lidando e se familiarizando com diferentes textos em sala de aula, Ou seja, trata-se de uma “transformação de uma modalidade textual em outra, trata-se de uma refacção e reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem” conforme assevera (Dell’Isola, 2007:10).

Com base nisso, é importante atentar os estudantes para a natureza opaca da língua, pelo fato de que o mesmo texto pode ser expresso de maneiras diferentes, em diferentes gêneros e suportes, dependendo do seu público-alvo, seu propósito comunicativo e da situação de interação em que produtores e receptores estão inseridos.

A proposta de trabalho com a retextualização como estratégia metodológica de atrelar ao ensino da língua materna à variedade linguística é válida por ela se apresentar como promissora no desenvolvimento de um trabalho exitoso de leitura e produção de texto, uma vez que propicia a oportunidade de reflexão sobre o uso de diferentes gêneros textuais, levando em consideração a situação de suas produções e esferas de atividades em que eles se constituem e atuam.

As atividades de retextualização são ações presentes no cotidiano das interações humanas, pois “toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando,

reformulando, recriando e modificando uma fala em outra” como corrobora Marcuschi (2001, p. 48).

Ainda, conforme o mesmo autor acima (2007, p. 48):

Atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas que se apresentam como ações aparentemente não problemáticas, já que lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intrincada variação de registro, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos.

O ensino da língua escrita e falada, nas aulas de Língua Portuguesa, é extremamente significativo para o desenvolvimento da competência comunicativa e discursivo-pragmática dos alunos, e, por isso, se faz necessário trabalhar com ambas as modalidades, uma como produto e atividade da outra, pois entre fala e escrita não há superioridade ou inferioridade. Por conseguinte, partindo dessa posição, busquemos aqui construir uma forma de se trabalhar a fala e a escrita, conscientizando os sujeitos aprendizes das diferenças entre tais modalidades e, apresentar diferentes possibilidades de retextualização para o trabalho em sala de aula. Segundo Marcuschi (2010, p.48), considerando fala e escrita e as respectivas combinações teríamos as seguintes quatro possibilidades de retextualização:

POSSIBILIDADES DE RETEXTUALIZAÇÃO				
1. Fala	→	Escrita (entrevista oral	→	entrevista escrita)
2. Fala	→	Fala (conferência	→	tradução simultânea)
3. Escrita	→	Fala (texto escrito	→	exposição oral)
4. Escrita	→	Escrita (texto escrito	→	resumo escrito)

Conforme a tabela acima, que evidencia e sinaliza as possibilidades de retextualização, observamos a transposição da fala para a escrita através do gênero textual *entrevista oral* que, conseqüentemente haverá a refacção do gênero para a entrevista escrita, através das transcrições fonéticas. Cabe pontuar que o trabalho com o gênero entrevista com os alunos é relevante para que estes percebam que o mesmo permite ao indivíduo interagir em diferentes situações de comunicação, seja para entrevista de emprego, uma consulta médica ou mesmo em um trabalho escolar. Desta

forma, poderíamos conduzir o aluno ao trabalho com a transcrição, o que levariam a compreender melhor as diferenças entre fala e escrita, ou seja, o texto transcrito é escrito tal como falamos, na sua integridade. Posteriormente, temos a modalidade escrita no tópico terceiro que se transpõe a modalidade oral, texto escrito que se transforma numa exposição oral e em seguida, a modalidade escrita de um texto escrito que se transpõe para um resumo escrito, mudança de gênero. De acordo com Marcuschi (p. 47):

Contudo, as mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. Já no caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem.

Conseqüentemente, é importante sabermos a diferença que existem entre a transcrição e retextualização, aquele, é uma cópia fiel da fala, que transcrevemos para a escrita, enquanto este requer interferências do leitor, ou seja, na retextualização, os textos falados ou escritos são corrigidos e modificados para melhor adequar-se ao contexto de uso, envolve fatores extralinguísticos, cognitivos e intersubjetivos. Veja um exemplo de retextualização citada por Marcuschi (op.cit, p.112):

Narrativa de um jovem de 17 anos de idade, Rio de Janeiro, 1993	Retextualização por um professor universitário da área de Letras
F1 – e::...Clarice...agora para terminar... eu quero que você... dê a sua opinião pra mim... ou sobre... amizade... namoro... vocação... vestibular.	F1 – Clarice, para terminar, dê sua opinião sobre amizade, namoro, vocação ou vestibular.
F2 – eh... eu vou falar sobre a minha família... sobre os meus pais... o que eu acho deles... como eles me tratam... bem... eu tenho uma família... pequena... ela é composta pelo meu pai... pela minha mãe... pelo meu irmão...	F2 vou contar a respeito de minha família, dizendo o que eu acho dos meus pais e como me tratam. A família é pequena. Somos dois irmãos e os pais.

Podemos observar nesse pequeno fragmento da retextualização, a retirada de algumas palavras que torna o texto redundante. O texto é transposto da modalidade informal, para um discurso mais formal, destacamos também a colocação adequada da pontuação, o discurso sem pausas e a utilização de outras palavras para assim ter uma praticidade e celeridade comunicativa melhor. Assim, a retextualização é um recurso que podemos utilizar em sala de aula para que os alunos possam compreender melhor as diferenças que ocorrem entre escrita e oralidade, bem como, compreender e utilizar nos textos escritos uma maior formalidade, tanto da fala para a escrita, ou vice versa, da fala para a fala e da escrita para a escrita. Atividades com a retextualização ajudarão aos alunos a terem o domínio tanto na escrita como na oralidade.

Já um texto transcrito diferentemente da retextualização, é escrito da mesma forma que se fala. Podemos assim observar no exemplo citado por Bortoni-Ricardo (2004, p. 45) que a fala da personagem Chico Bento foi transcrita da mesma forma que foi falada, sem adequações linguísticas ao contexto comunicativo.

CB: - Vixi! Como você cresceu! Inté parece que foi ontem qui prantei esse limoero! Agora, já tá cheio de gaió! Quase da minha artura! Como o tempo passa, né? Uns tempo atrais, ocê era deste tamanhico! Fiz um buraquinho i ponhei ocê inda mudinha dentro! Protegi dos vento, do sor...i nunca deixei fartá água!

Utilizando desta forma, atividades de retextualização ou transcrição do texto falado para o escrito, é importante deixar claro que a linguagem oral e escrita são duas faces da mesma moeda, duas modalidades diferentes, mas que se complementam e que apresentam a mesma função comunicativa. Dessa maneira, as aulas de Língua Portuguesa não podem priorizar apenas o ensino da língua de uma das modalidades e excluir a outra, mas realizar um trabalho simultâneo com ambas, para que se valorize e se compreenda os usos tanto do texto falado como escrito, e seus diferentes tipos de realizações.

Ao aplicar na sala de aula as atividades de retextualização, estamos veementemente trabalhando para que os alunos percebam como realmente se constituem os textos falados e os escritos e a variação linguística que ocorre entre ambas, como também estarão refletindo sobre a língua. Desta forma, as atividades que propostas, são de extrema importância para ressaltar a diferença entre essa dualidade da língua:

oralidade e escrita e seus diferentes usos, em diferentes contextos sociais. Para atender a essas expectativas, a escola deve procurar mecanismos que possam manter uma relação entre a variação linguística e o ensino de gramática, de maneira que o ensino-aprendizagem seja significativo. Assim, é necessário que o professor de Língua Portuguesa, metodologicamente insira e acrescente à sua prática cotidiana a leitura de textos variados, de diferentes autores e épocas, escritos de acordo, ou não, com a gramática tradicional, bem como textos regionais, textos atuais, principalmente os usados na internet, pelas redes sociais, para demonstrar assim, as diferenças não só entre a linguagem formal e informal, como também a influência que a língua sofre, seja ela escrita ou oral, modificação precípua para atender às demandas dos propósitos comunicativos dos falantes.

A partir de tais dicas, buscamos, assim, não só conscientizar o aluno da diversidade linguística e dos fatores que envolvem tais variações, como também, ampliar as potencialidades e as multifuncionalidades do domínio da escrita e da oralidade, desenvolvendo assim a capacidade comunicativa do aluno. Ao lidar com tais sugestões, imaginamos que os alunos, ao final dessa etapa de ensino, possam atingir a competência leitora e escritora, discernindo ambas e compreendendo o cenário da diversidade linguística, que estão inseridos, compreendendo e assimilando assim, as diferenças e os fatores que estão envolvidos nas falas e nas expressões linguísticas de cada sujeito, evitando dessa maneira, o tão falado preconceito linguístico, que gera muitos conflitos entre os indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos em que tanto se fala em inclusão social, entre tantas outras, está mais do que na hora de os educadores repensarem suas práticas acerca do ensino de língua materna. Cabe ao professor utilizar as bases teóricas da Sociolinguística para o tratamento da questão da variação linguística com os alunos, a fim de conscientizá-los acerca dessa temática. É muito clara a noção de heterogeneidade linguística, mas ainda há muito que se refletir acerca das atitudes que os falantes têm em relação às formas variantes.

Acreditamos que o professor tem um papel fundamental na formação do aluno, sendo capaz de fornecer subsídios para que este possa pesquisar e pensar criticamente sobre sua própria língua, algo fundamental quando tem o compromisso com uma educação transformadora, quando compreende e faz compreender que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como, não há uso linguisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade linguística coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que deve determinar a escolha de uma variedade em detrimento de outra é a situação concreta de comunicação.

No decorrer desse trabalho vimos à importância de abordar os estudos da variação linguística para o ensino de Língua Portuguesa no âmbito escolar. A reflexão em torno da variação linguística se deu a partir de pesquisas sociolinguísticas, que avançaram ao longo dos tempos, evidenciando e elucidando a heterogeneidade da língua, sendo ela uma atividade social indissolavelmente ligada à sociedade. Podemos ver a importância dos estudos linguísticos no ensino de Língua Portuguesa, não só através das ideias dos autores como, Marcos Bagno, Bortoni-Ricardo, entre outros, como também, pudemos observar as contribuições preponderantes e majoritárias dos PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa, onde apresentam de forma atual, sugestões para que o professor utilize em sala de aula a diversidade dos gêneros textuais orais e escritos. Nesse ínterim, percebemos que não cabe aqui tratar a língua como única forma de uso, classificada pelos gramáticos tradicionalistas como a língua padrão, estabelecendo a forma padrão da linguagem como a forma correta de falar, atribuindo assim, um grande valor aqueles que as dominam e excluindo as variantes, causando certo desprestígio e preconceito aos falantes, que não possuem um grau de instrução adequado.

Concluimos este estudo com uma proposta de atividade para o trabalho com a variação linguística em sala de aula, com foco central nos gêneros textuais, já que estes contêm aspectos não só culturais, mas principalmente sociais, que estão diretamente ligados às atividades comunicativas do nosso cotidiano, os gêneros irão não só nos auxiliar, como também contextualizar cada uso e cada abordagem em relação aos estudos da variação linguística, indicando, muitas vezes, o modo como devemos falar ou escrever.

Diante do que se foi discutido no decorrer do trabalho, concluimos o caráter múltiplo da linguagem e suas diversas funções no meio social, contudo, percebemos a importância dos estudos linguísticos e da variação não só no âmbito escolar, mas para todo o contexto social ao qual estão inseridos os alunos, bem como, a importância de inserir nas aulas de Língua Portuguesa uma reflexão em torno da língua falada e da língua escrita, para demonstrar que a língua falada é diferente da escrita, mas que ambas são faces da mesma moeda. Portanto, pretendemos assim, que os alunos, ao concluírem o Ensino Fundamental, tenham consciência da diversidade linguística e dos fatores que envolvem tais variações e saibam discernir tais diferenças, para que se possa evitar o preconceito linguístico. Espera-se assim também ampliar o domínio da escrita e da oralidade, desenvolvendo assim a capacidade comunicativa e intelectual do aluno.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática**: Por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola: Editorial. 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é como se faz. São Paulo: Editora Loiola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **PCN**. Terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília, MEC/SEF. 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: A sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PRETI, Dino. **Sociolinguística os níveis da fala**: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. Companhia Editorial Nacional, São Paulo: 1974.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita**: Fonologia em uma nova chave. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: Uma proposta para o ensino de gramática. 14 .ed- São Paulo: Cortez. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização.10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TEXEIRA, Lucia. **Projeto Apoema** Português 6/Lucia Teixeira, Karla Faria, Silvia Maria de Sousa.- 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

TEXEIRA, Lucia. **Projeto Apoema** Português 7/Lucia Teixeira, Karla Faria, Silvia Maria de Sousa.- 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

TEXEIRA, Lucia. **Projeto Apoema** Português 8/Lucia Teixeira, Karla Faria, Silvia Maria de Sousa.- 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

TEXEIRA, Lucia. **Projeto Apoema** Português 9/Lucia Teixeira, Karla Faria, Silvia Maria de Sousa.- 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

CEREJA, William Roberto. **Português: linguagens**, 7º ano: língua portuguesa/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. -7.ed. reforma. –São Paulo: Saraiva, 2012.

CEREJA, William Roberto. **Português: linguagens**, 6º ano: língua portuguesa/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. -7.ed. reforma. –São Paulo: Saraiva, 2012.

DELL'ISOLA, R.L.P. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina, organizadoras. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológico**, volume 3. 2.ed – São Paulo: Cortez, 2005.